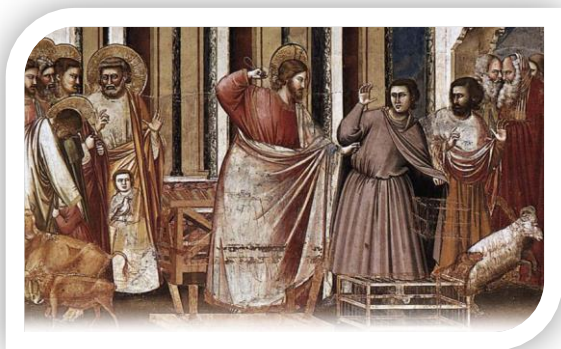


3º Domingo da Quaresma – Ano B



Evangelho - Jo 2,13-25

“Destruí, este templo e, em três dias eu o levantarei”.

Ir. Florinda Dias Nunes, sjbp.

O zelo por tua casa me devora. (v. 17)

No caminho para a Páscoa, a liturgia nos convida a continuar o processo de conversão. Na primeira leitura ouviremos a promulgação dos mandamentos de Deus (Ex 20,1-17). O Salmo 18 canta os preceitos do Senhor. Paulo aos Coríntios na segunda leitura, anuncia o Cristo crucificado, escândalo para os judeus, insensatez para os gregos e para os cristãos poder e sabedoria de Deus (1Cor 1,22-25). No evangelho Jesus entra no templo e expulsa os mercadores dali dizendo: “Não façais da casa de meu Pai uma casa de comércio” (Jo 2,13-25).

Estamos no 3o domingo da Quaresma. No início da missão, Jesus vai ao templo de Jerusalém. Ali mostra sua indignação para com as autoridades que transformaram a Casa de oração em casa de comércio. Esta mesma atitude de Jesus, nos evangelhos sinóticos, está no fim de sua vida pública como sinal da realização messiânica. O Quarto Evangelho faz questão de colocar, logo no início da vida pública de Jesus, este fato para mostrar desde o início de que lado Jesus está e que tipo de Messias ele é.

Conteúdo e contexto

O contexto é a festa da Páscoa que para os judeus é a mais importante de todas as festas. Nela todo judeu adulto deveria participar, recordando a libertação da escravidão do Egito. No tempo de Jesus, o povo ia a Jerusalém para esta celebração. Mas a Páscoa tinha deixado de ser uma festa popular por ter sido manipulada pelas lideranças religiosas e políticas daquele tempo. O povo ia a Jerusalém para celebrar a libertação, mas encontrava aí a maior exploração. E pior ainda, parecia que Deus estava de acordo com tudo isso. A Páscoa não era mais a festa do povo que celebrava e revivia a libertação, mas a festa das lideranças exploradoras, que se aproveitavam do momento para oprimir ainda mais o povo.

Segundo a organização do evangelista, o texto encontra-se no livro dos sinais logo após ao primeiro sinal, o da transformação da água em vinho, em Caná. Jesus vai ao templo e, não concorda com a situação que encontrou lá “os vendedores de bois, ovelhas e pombas, e os cambistas sentados. Então fez um chicote de cordas e expulsou todos do templo, junto com as ovelhas e os bois; espalhou as moedas e derrubou as mesas dos cambistas” (vv. 14-15). Com este gesto Jesus inaugurou os tempos do Messias anunciado pelo profeta Zacarias (cf. Zc 14,21). O qual previa um tempo em que o culto estaria plenamente isento da exploração do povo. Para o evangelista, este dia chegou com Jesus. A partir de agora ninguém mais poderá, mesmo que o fizesse em nome de Deus, defender um culto ou religião que sejam coniventes com a exploração do povo.

Olhando a situação econômica daquele tempo, as terras da Palestina estavam nas mãos dos latifundiários, pertenciam à elite religiosa (sumos sacerdotes e anciãos) e moravam em Jerusalém. O sumo sacerdote era o presidente do Sinédrio, o supremo tribunal que condenará Jesus à morte. Três semanas antes da Páscoa os arredores do templo se tornavam um grande mercado. O sumo sacerdote enriquecia com o aluguel dos espaços para as barracas dos vendedores e cambistas. Os animais criados nos latifúndios eram conduzidos a Jerusalém e vendidos a preços que aumentavam tremendamente neste período. Até as pombas que eram a oferta dos pobres triplicavam o preço, fortalecendo a exploração dos ricos sobre os empobrecidos. A ironia dos gananciosos era pior ainda, ou seja, a moeda cunhada em Tiro era estável e também considerada pura e eles a adotaram como moeda para o Templo. Desta forma burlavam a lei que não permitia a entrada de moeda impura (pagã) e cobravam altas taxas na troca das outras moedas.

Jesus expulsou do templo tudo isto declarando inválidos todos esses sacrifícios, assim como o culto que se sustenta graças à exploração. O gesto de Jesus toca o ponto nevrálgico: o sistema econômico do templo, com seu enorme afluxo de dinheiro procedente do mundo conhecido de então.

Deus sempre denunciou, através dos profetas, a exploração da religião. Ele é o Deus que ouve o clamor dos marginalizados. Mas a teologia do templo de Jerusalém afirmava o contrário, ou seja, Deus precisa ser comprado através de sacrifícios de animais para ser ouvido. E ainda: Deus precisa ser comprado por “dinheiro limpo”. A ira de Jesus tem toda a razão de ser.

A reação dos discípulos é do zelo pela Casa do Senhor (v. 17), ou seja, Jesus seria um reformador da instituição. Os dirigentes pedem um sinal e Jesus aponta para a sua morte e ressurreição. É através do seu corpo, morto e ressuscitado, que o povo se reencontra com Deus para celebrar a Páscoa da libertação. Deixe que este texto ilumine seu caminho para a Páscoa e que a Campanha da Fraternidade deste ano, sobre a superação da violência nos

ajude a construir paz com práticas de justiça para que uma sociedade construída na Solidariedade e na Paz.

Concluindo

Diante deste Evangelho, como nos sentimos? Deixamos que Deus aja por nossas ações ou nos colocamos no centro de tudo, ofuscando a ação divina? Deixemo-nos converter em verdadeiros seguidores de Jesus e colaboremos na transformação de nossa sociedade, de nossa comunidade, de nossa família.

Bibliografia

Bíblia, algumas edições.

Bortolini, José. Como Ler o Evangelho de João - O Caminho da Vida. São Paulo, Paulus, 1994.

Mateos-Juan e Barreto Juan. O Evangelho de São João, análise lingüística e comentário exegético. São Paulo, Paulus 1999.

Léon-Dufour, Xavier. Leitura do Evangelho segundo João II. Palavra de Deus. São Paulo, Loyola 1996.

Poppi, Angelico. I quatro vangeli. Commento sinotico. Messaggero di Padova. Padova 1997.